

DO INTERDISCURSO À INTERDISCURSIVIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE CHARGES POLÍTICAS

BARONAS, Roberto Leiser – UFSCar – CNPq
(baronas@uol.com.br)

1) SOBRE A NOÇÃO DE INTERDISCURSIVIDADE CULTURAL¹

Riani (2002), ancorado na perspectiva dialógica bakhtiniana, atribui ao humorista gráfico a capacidade de *reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente* os acontecimentos históricos que nos constituem cotidianamente, *possibilitando, na maioria das vezes uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos*. No caso então das charges, seguindo a asserção de Riani (2002), seria o chargista que retoma os acontecimentos históricos e os transforma em acontecimentos discursivos, estes últimos diriam de forma *mais ampla e verdadeira* o que não poderia ser dito em outro gênero. Observemos, todavia, uma charge publicada na *Folha de S. Paulo* em 12 de maio de 2001.



Numa leitura dialógica dessa charge, tal qual a proposta por Riani (2002), é possível constatar que ela faz inicialmente alusão ao período de crise de energia elétrica pelo qual o Brasil passou em 2001. Período esse, designado pela grande mídia como Apagão. O próprio título da charge é APAGÃO e está materializado inclusive em letras brancas com um fundo preto. No suposto cenário, entendemos que os personagens das charges estão em uma conversa ao ar livre no gramado do Congresso Nacional.

A charge está dividida em duas imagens, na primeira, temos o então presidente FHC caricaturizado, apresentando uma placa de energia solar para a jornalista. FHC diz: “Esta placa capta energia solar” e a jornalista, na imagem colocada abaixo, o questiona: “E esta, presidente?” Ele afirma: “Energia Parlamentar”, apontando para uma placa completamente preenchida por maços de dinheiro. Pela caricaturização da jornalista, podemos apreender que sua expressão facial, apresentada na primeira imagem, é de satisfação, já na segunda, a expressão é de susto, de descontentamento. Assim, a expressão de decepção ajuda a produzir uma crítica aos parlamentares brasileiros pelo seu caráter facilmente subornável. Essa crítica se constitui na retomada dos discursos que circulam na sociedade brasileira. Teríamos nessa charge do ponto de vista de Riani (2002) uma dupla (re)interpretação de acontecimentos históricos. No primeiro caso, a retomada dos discursos que dizem o Apagão e no segundo, a retomada dos discursos que dizem o caráter corruptível dos parlamentares brasileiros. Cremos ser preciso considerar, no entanto, que a charge em análise é também determinada por outro tipo de relação interdiscursiva, que não apenas aquela que possibilita *reinterpretar, de modo*

¹ Parte dessas discussões foi publicada no número 01, volume 02 da Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso e está em linha no endereço www.linguagemememoria.com.br.

perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam e/ou os acontecimentos históricos. Trata-se na verdade da retomada de uma interdiscursividade cultural. Em outros termos, a charge em questão não está apenas determinada pelos dois acontecimentos históricos que ressignifica, mas está, sobretudo, determinada por um imaginário social que torna sempre já em derrisão os políticos brasileiros.

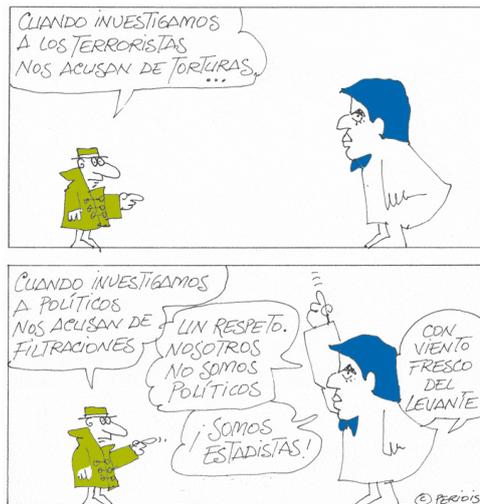
A charge em questão não está apenas dando a ler o Apagão e o caráter corruptível dos políticos brasileiros numa materialidade distinta do editorial de jornal, por exemplo, ela está dando a ler, na verdade, um dos traços da cultura brasileira, sobretudo no tocante ao humor. O que estamos asseverando é que faz parte da cultura brasileira, enquanto um traço que a distingue das demais, tornar em derrisão o outro em textos humorísticos. Desse modo, independentemente dos conteúdos que o texto humorístico veicule, este vem sempre sobredeterminado por essa marca cultural: tornar o outro em derrisão. Se a nossa hipótese de leitura estiver certa, isto é, se a interdiscursividade cultural sobredetermina os sentidos da charge, sobretudo as charges que dão a ler os atores políticos, ela deverá dar conta também de charges veiculadas em jornais de outros países. Para tanto, tomamos inicialmente uma charge veiculada em 2005 no jornal boliviano *La Razon*. Trata-se de uma charge com temática política semelhante à qual analisamos.



A charge em questão apresenta de um lado um suposto político boliviano num programa televisivo dizendo sobre o seu trabalho no parlamento: “*En el Parlamento estamos trabajando arduamente para resolver los problemas*” e de outro, uma mulher boliviana, supostamente uma indígena, dizendo a uma criança, provavelmente seu filho: “... *Para cómo seguir mamando del Estado*”.

Mulher e, supostamente o seu filho estão em pé observando a cena. Não é possível assegurar o local onde se encontram, mas podemos inferir que se trata de uma loja de eletrodomésticos, pois há mais de um aparelho de televisão apresentando o mesmo político discursando. É possível dizer que esta charge, diferentemente da charge veiculada em jornais brasileiros e que analisamos, não se apresenta a partir de uma dupla perspectiva enunciativa: X disse Y (humoristicamente), porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z. A charge em questão apresenta X dizendo Z porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva Z, ou seja, que os políticos bolivianos são corruptos. Em outros termos, charge boliviana diferentemente da charge brasileira não esconde uma significação figurada para além de um enunciado literal. Ela veicula um sentido literal. Acreditamos que essa forma de dizer da charge boliviana tenha a ver justamente com a maneira de os bolivianos se colocarem diante do mundo.

Tomemos agora outro texto desta vez, uma charge que foi publicada no jornal espanhol *EL País* em julho de 2009. Trata-se também de uma charge que veicula uma temática política.



Nessa charge, temos de um lado um suposto investigador que diz: “*Cuando investigamos a los terroristas nos acusan de torturas... Cuando investigamos a políticos nos acusan de filtraciones*” e de um outro, um suposto político, que replica a fala da primeira personagem dizendo: “*Un respeto. Nosotros no somos políticos. Somos estadistas!*” E de um outro lado ainda, uma voz anônima, vinda das costas do político, que afirma sarcasticamente: “*Con viento fresco del levante*”.

As imagens apresentadas na charge são apenas a do possível investigador e do político. Não aparece ninguém dizendo este último enunciado, o que é apresentado na charge é apenas o “balão” da conversa, tal qual um balão de histórias em quadrinhos. Diferentemente, das charges brasileiras e boliviana analisadas, a charge dada a circular no jornal espanhol traz uma terceira perspectiva enunciativa: a primeira é a voz do policial; a segunda é voz do político e, a terceira, possivelmente a de um Sujeito Universal. Assim, teríamos X disse Y e não-Y (humoristicamente em forma de réplica) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (auto-sarcasticamente) Z. Esta última traz para a enunciação um enunciado que faz parte do imaginário social espanhol. Cremos que a forma de dizer da charge espanhola materialize o auto-sarcasmo espanhol² frente às coisas do mundo.

2) PROVISÓRIAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nosso entendimento, as hipóteses levantadas sobre as marcas culturais ou da interdiscursividade cultural na sobredeterminação dos sentidos dos textos chárgicos, embora pertinentes, necessitam ainda de uma maior discussão, sobretudo no tocante às charges boliviana e espanhola. Sem uma pesquisa mais aprofundada a partir de uma ampliação do *corpus* mobilizado, contrapondo-o com outros acontecimentos discursivos humorísticos, seria pouco prudente de nossa parte afirmar uma espécie de generalização culturalizante das charges. A relevância deste apontamento está justamente no fato de que ao se estudar as charges se dê importância não apenas ao estudo dos efeitos visados, como a grande maioria dos trabalhos que a mobilizam como objeto tem feito, mas principalmente dos efeitos produzidos e da possibilidade de se redesenhar categorias analíticas da Teoria do Discurso. No caso das charges brasileiras analisadas, acreditamos que a interdiscursividade cultural - a derrisão do outro (político) presente no imaginário social brasileiro, historicamente construído - possui um peso decisivo na sobredeterminação dos acontecimentos discursivos dados a ler. Acreditamos que nas charges analisadas a marca cultural possui uma força grande na transformação dos atores políticos em alvo de comentários e questionamentos humorísticos, misturando as esferas pública e privada. A marca cultural se constitui em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos do discurso. Trata-se na verdade de uma espécie de pré-

² Claude Chabrol (2008) em seu trabalho sobre os atos humorísticos, ao defender que estes são bastante sensíveis às variações culturais, cita o trabalho franco-espanhol realizado sob a direção de Patrick Charaudeau e de José Bastos entre 2000 e 2004, que analisou os mais variados gêneros e subgêneros humorísticos veiculados pelas mídias espanhola e francesa, concluindo por um contraste bastante grande entre os dois *corpora* mobilizados.

discursivo sobredeterminando o discursivo. Ademais, do ponto de vista da Teoria do Discurso, é possível postular que os exemplos arrolados nos mostram que, ao se pensar as relações mantidas entre o acontecimento e a memória e entre o acontecimento e o esquecimento, deve-se levar em consideração não só os saberes discursivos dos sujeitos – o que sujeito lembra e o que ele esquece - mas também outros tipos de saberes tais como a interdiscursividade cultural.

3) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIANI, C. *Linguagem & cartum...tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.